

QUANDO DIZER O MESMO É DIZER COISAS DIFERENTES

ENSAIO SOBRE UM CASO LIMITE DE DIÁLOGO TEATRAL

Martin Domecq

Resumo: Trata-se de um artigo que propõe onze observações sobre o diálogo teatral a partir do caso limite de um diálogo entre duas personagens constituído por uma sequência de trocas de palavras idênticas e simultâneas. Longe de anular as diferenças, esse “isomorfismo” dos diálogos coloca num primeiro plano a capacidade dos jogos de linguagens de criar diferenças para funcionar e a heterogeneidade e os conflitos entre os corpos e as intenções como pilares do diálogo dramático. Dizer o mesmo não é uma tarefa fácil, especialmente quando usamos exatamente as mesmas palavras.

Palavras-chave: Diálogo teatral. Jogos de linguagem. Heterogeneidade

Abstract: This article propose eleven observations on the theatrical dialogue on the base of the limiting case of a dialogue between two characters whose exchange identical sequences of words at the same time. Far to nullify the differences, this "isomorphism" of dialogues puts in the foreground the capacity of language games to create differences to work, and the importance of heterogeneity and conflicts between bodies and intentions as pillars of dramatic dialogues. Say the same things is not an easy task, especially when we use exactly the same words.

Keyword: Theatrical dialogue. Language games. Heterogeneity.

Partindo de um caso limite queremos refletir sobre alguns dos elementos que caracterizam a maioria dos diálogos teatrais: personagens, troca intercalada de réplicas diferentes e alguma noção de conflito. Entendemos por caso limite o recurso heurístico, usado tanto pela filosofia como por algumas ciências, de conceber modelos ou mundos possíveis que nos ajudam a esclarecer nossa perspectiva sobre um determinado objeto ou campo. Propor um caso limite é construir uma situação que coloca em tensão os elementos que compõem um objeto conhecido para revelar condições, dinâmicas, interações, interdependências que configuram esse objeto. Se para simplificar consideramos como diálogo uma troca verbal entre duas personagens, na qual uma reage à recepção de uma sequência de palavras K em um tempo x emitindo outra sequência de palavras L em um tempo $x+n$, o caso limi-

te que queremos desenvolver é aquele no qual as duas personagens trocam as mesmas sequencias de palavras ($K=L$) ao mesmo tempo ($x=x+n$). Que observações sobre o diálogo teatral pode facilitar esse caso limite de um diálogo constituído por uma sequência de trocas de palavras idênticas e simultâneas? A continuação listaremos onze¹.

Primeira. Uma personagem não pode ser reduzida a aquilo que diz. Se fosse assim duas personagens que dissessem o mesmo ao mesmo tempo seriam a mesma personagem. Porém, não é assim. Para que sejam consideradas como uma só, haveria que construir uma convenção para justificar e explicar que esses dois corpos “são” a mesma personagem. Nesse sentido, a existência de uma instancia de enunciação² diferenciada é um fato decisivo que não pode ser abolido apenas duplicando as réplicas. O diálogo teatral é uma sequência de trocas de discurso (no sentido de Benveniste), tanto quanto um texto³.

Segunda. O texto repetido evidencia a diferença insolúvel de cada “encarnação” desse texto⁴. Não se pode dizer o mesmo duas vezes, duas pessoas não podem interpretar *igual* um texto. O diálogo não é só texto⁵, por isso a interpretação supõe pro-

jetar ou imaginar um corpo em situação que emite esse discurso, que o enuncia. Por mais difusa que seja essa construção ela permeia toda a leitura. Não pode ser o mesmo ler esse ensaio que ler um diálogo. Aquele que tente imaginar minha situação de enunciação para procurar compreender o texto, estaria fazendo um exercício errado. Da mesma forma, também estaria fazendo um exercício errado aquele que tentasse ler um diálogo teatral como se fosse um ensaio. No diálogo teatral, o corpo, a voz, a existência, a sensibilidade, a situação daquele que diz é tão importante quanto aquilo que é dito.

Terceira. Se a personagem se configura na troca dialógica com a alteridade, nesse caso limite essa alteridade se manifesta na relação das personagens com o corpo estranho das próprias palavras⁶ e na relação com o corpo da subjetividade do outro que emprega essas mesmas palavras.

Quarta. A igualdade ou equivalência de significados não se constrói só usando as mesmas palavras, mas usando palavras diferentes para dizer “o mesmo”. Em nosso caso limite as duas personagens que usam sempre as mesmas palavras não têm como saber se “no fundo” a outra pensa o mesmo. Quando escutam as palavras do outro reconhecem que são as mesmas que as próprias, mas isso não é suficiente para determinar se foram usadas com a mesma intenção significativa.

Quinta. O caso limite não impede desenvolver um conflito⁷. Com outras palavras, a sincronia (e a identidade) das réplicas não impede desenvolver diacronicamente um conflito. De modo geral, antecipando a novena observação, o caso limite da repetição simultânea das réplicas gera um conflito em qualquer jogo de linguagem (Wittgenstein) cujas regras requeiram papéis e repertórios de enunciados bem diferenciados para todos seus jogadores.

¹ Mesmo considerando que o exercício heurístico que propomos pode ser realizado sem ter em conta um texto em particular, colocamos como anexo Isso não é novidade um texto que temos produzido nos baseando nesse caso limite para nos ajudar na elaboração de nossas observações.

² Pensamos aqui com Émile Benveniste em seu *Problèmes de linguistique générale* que o sistema da língua se atualiza (passa da potência ao ato) quando um enunciador instaura um eu-aqui-agora-tu com seu ato de enunciação. O diálogo seria uma sucessão, uma sequência, desses atos.

³ Com relação a definição de texto seguimos aqui o trabalho de Ricoeur “Qu’est ce qu’un texte” publicado em *Du texte à l’action*, no qual o filósofo francês diferencia discours (enunciação) e texto. Sintetizando sua posição diremos que no texto a intenção do texto autonomiza-se da intenção do autor; que o texto não se constrói sobre a base de uma situação de co-presença entre um eu e um tu em um aqui e agora; e que o texto se dirige a um leitor e não a um interlocutor.

⁴ Tomamos a noção de texto encarnado de Cleise Mendes, mas especificamente de seu artigo “Dramaturgia, corpo e representação”. A corporeidade é uma dimensão do gênero dramático. A noção de texto encarnado descreve a instancia de enunciação específica que supõe o drama. Como compreender um texto dramático sem a ideia de que as palavras são proferidas por um corpo sensível e desejante?

⁵ Ver nota 2 e 3.

⁶ “cada palavra se apresenta como uma arena em miniatura onde se entrecruzam e lutam valores sociais de orientação contraditória” (Bakhtin, 2002, p.66) apud Cleise Mendes, *Diálogo e performatividade no drama*, p. 14.

⁷ Em *Isso não é novidade* as duas personagens chocam porque discordam permanentemente mas ainda assim precisam chegar a um acordo porque querem dizer algo novo. Elas têm um objetivo comum mas chocam por ter perspectivas ou intenções divergentes sobre um dado assunto.



Sexta. A simultaneidade das réplicas gera uma dificuldade na leitura. Pode-se escutar o mesmo texto, mas pareceria que o fluxo do diálogo não daria tempo de “ler” simultaneamente o que cada personagem quis dizer com essas palavras. Supomos que essa dificuldade deve gerar uma tensão no espectador e a necessidade de escolher qual interprete do texto “ler” em cada momento⁸. Se A e B dizem o mesmo ao mesmo tempo, como espectador, escutaria os dois sem dificuldade e poderia acompanhar a narrativa geral do texto, mas talvez minha atenção não conseguiria decodificar simultaneamente a diferença no uso das palavras de cada personagem. Esse problema da recepção deveria ser estudado com experiências de campo.

Sétima. Mesmo tendo em conta essa dificuldade de “leitura” para o espectador, nesse mundo possível as personagens podem dialogar. Cada um diz o que quer dizer: a alteridade está dada pela instância de enunciação, e pelo uso performativo das palavras (Austin). Não é o mesmo eu que fala, nem fala desde o mesmo corpo etc. Como dizemos na terceira observação o caso limite que postulamos não elimina a alteridade. Parafraseando a Austin diremos que se podem *fazer coisas diferentes com as mesmas palavras*.

Oitava. O fato das personagens dizer o mesmo não elimina a suspeita ou a expectativa de que estejam dizendo coisas diferentes. Indo além das observações quarta e sétima, poderíamos afirmar que essa duplicação das réplicas pode gerar uma “ansiedade prática” nos personagens quando por conta dessas duplicações não conseguem jogar direito determinados jogos de linguagem. Também pode despertar uma preocupação existencial e filosófica: como saber se estão dizendo o mesmo ou em que sentido estão divergindo? Há uma resposta definitiva a essa pergunta?

Nona. A simultaneidade e identidade das réplicas de um diálogo levaria ao fracasso todos os jogos de linguagem que dependem para sua eficácia de que os jogadores encarnem papéis distintos e usem um repertório diferenciado de frases. Por exemplo, imaginemos a situação de ir a um restau-

rante no qual o garçom repete todas nossas palavras ou imaginemos um ladrão que ao ser pego por um policial repete toda as frases que diz o agente da lei. O caso limite que propusemos deriva numa quebra das convenções sócias e das relações de poder que precisam de um diálogo com papéis e enunciados diferenciados para que seus jogos de linguagem funcionem... Na situação do caso limite que propomos no anexo (*Isso não é novidade*) o diálogo “acontece” sem essas quebras porque supomos que a relação entre A e B é uma relação de amizade, de colegas de trabalho ou qualquer relação que não implica necessariamente uma hierarquia que determine papéis fixos e repertórios bem diferenciados de enunciados.

Décima. A emissão simultânea de réplicas idênticas gera também um princípio de indecisão. A simultaneidade das réplicas provocaria um efeito de indeterminação porque não terminamos de saber se as personagens *fazem o mesmo* ou *fizeram o mesmo* (Austin) quando usam ou usaram as mesmas palavras. Não temos certeza de sabê-lo porque as consequências verbais que as personagens geram com seus atos de fala são as mesmas para os dois. Intercalar réplicas diferentes de forma sequencial permite lê-las utilizando categorias sequenciais como as de causa-efeito ou pergunta-resposta. Ao quebrar em parte a sequencialidade, essas chaves de leitura se debilitam. O que é causa e o que é efeito? Quem está agindo e quem está reagindo? A pergunta é uma pergunta ou é apenas a mímica de uma pergunta já que “se sabe” que a palavra do outro coincide e coincidirá com a própria?

Décima primeira. Existe um jogo de crianças que em muitas culturas resolve o problema de quando dois interlocutores dizem o mesmo ao mesmo tempo. O jogo consiste em que ante essa circunstância o primeiro em pronunciar uma palavra chave X cala a boca do outro até que alguém pronuncie seu nome e o libere de seu “castigo”. O jogo mostra que essa circunstância tem sido contemplada por algumas culturas. A brincadeira de punir com o silêncio uma das pessoas que “falou o mesmo ao mesmo tempo” é significativa. A palavra chave seguida do silêncio parece um conjuro. É como se com isso se tentasse evitar uma repetição de essa situação que tornaria inviável os jogos de linguagem que estruturam o funcionamento de

⁸ No exemplo que propomos no anexo essa tensão tenta ser atenuada pelas pausas.

uma sociedade. O jogo celebra e pune ao mesmo tempo esse germe de anarquia y caos. Por outro lado, o fato de que para sair do silêncio, outra pessoa tenha que chamar pelo nome à criança, indicaria a importância do reconhecimento do outro para recuperar a voz, para poder ter uma voz própria⁹. Em *Isso não é importante* as personagens não perdem a voz porque elas nunca questionam a subjetividade do outro, esse reconhecimento da alteridade acompanha toda a cena. Porém podemos imaginar casos limites no qual esse reconhecimento não esteja dado. Em suma, podemos dizer que a personagem não é só o que ele diz ou a sua instância de enunciação, ele existe também em virtude de um reconhecimento que vem do Outro. Como a criança do jogo ele é nomeado pelo outro e isso lhe permite “sair” do silêncio.

Em conclusão, observamos que quebrar a regra de trocar de forma intercalada enunciados diferentes gera a inviabilidade de muitos jogos de linguagem que requerem papéis e repertórios de enunciados bem diferenciados entre os participantes. Se na vida prática esse germe de anarquia e caos pode interpretar-se como uma contestação das convenções sociais e das relações de poder e pode trazer consequências repressivas, como recurso poético pode gerar situações dramáticas (cômicas ou patéticas) assim como desencadear questionamentos existenciais sobre a fragilidade de nossa comunicação verbal.

Por outro lado, nosso caso limite coloca em evidência a diferença do diálogo teatral com relação a outros gêneros textuais. Como a materialidade das palavras se repete, o experimento dá um destaque a aquilo que além das palavras pode fundar uma diferença que ajude a construir a inteligibilidade da situação, por isso passa ao primeiro plano o estatuto do texto como enunciação de uma personagem que funda uma relação com outro, o texto como manifestação de um corpo em uma dada situação.

Finalmente, destacamos o paradoxo de que o problema no caso limite que apresentamos não é

tanto como expressar as diferenças (a alteridade se expressa na linguagem e na situação de enunciação) mas como expressar a igualdade usando as mesmas palavras. O difícil não é dizer coisas diferentes usando as mesmas palavras, a dificuldade maior reside em dizer as mesmas coisas sem usar palavras diferentes. Como saberíamos que dizemos o mesmo que nosso interlocutor se sempre usássemos as mesmas palavras que ele? A identidade das palavras proferidas por dois agentes evidencia a irredutibilidade de suas intenções: uma não pode ser reduzida à outra. Mesmo querendo a mesma “coisa” os dois agentes querem essa “coisa” ou chegam a querê-la desde “lugares” diferentes, e também podemos suspeitar que a “veem” de maneiras diferentes.

Referências

- FIORIN, José Luiz. Interdiscursividade e intertextualidade. In: BRAIT, Beth (org.) *Bakhtin: outros conceitos-chave*. São Paulo: COntexto, 2006, P. 161-193.
- MENDES, Cleise F. Dramaturgia, corpo e representação. In: *Agente: revista de psicanálise*. Escola Brasileira de Psicanálise/ Seção Bahia. A.14, n15, Nov 2013. P148-154.
- MENDES, Cleise F. Dialogo e performatividade no drama. In: *Revista Tabuleiro de Letras. Programa de Pós-graduação em estudos da Linguagem – UNEB*. <http://www.revistas.uneb.br/index.php/tabuleirodeletras> - ISSN: 2176-5782. N.03,2012.
- RICOEUR, Paul. Qué es un texto? In: *Del texto a la acción: Ensayos de hermenéutica II*. Traducción de Pablo Corona. Buenos Aires: FCE 2001.

ANEXO: Isso não é novidade

Isso não é novidade

Vouloir être de son temps, c'est déjà être dépassé.

Eugène Ionesco

(*Notes et contre-notes, 1966, p. 293*)

Duas personagens numa situação de trabalho ou que se reúnem em algum lugar para falar. Elas podem ser do mes-

⁹ “Se pela perspectiva pragmática, a linguagem é considerada uma forma de ação, cumpre também lembrar com Lacan que (...) a linguagem não conecta simplesmente emissores e alocutários, mas funda os sujeitos e suas relações.” Cleise Mendes, *Diálogo e performatividade no drama*, p. 6.



mo sexo¹⁰, da mesma idade ou não. Não vestem uniformes. Suas roupas são diferentes. Entram separadas no palco, cada um tampando-se os ouvidos com as mãos. Depois de um primeiro momento de receio ou desconfiança, destapam suas orelhas. Parecem dispostas a se ouvir. Elas falam sempre ao mesmo tempo. Suas intenções (ou seus subtextos) podem não coincidir, mas elas falam exatamente as mesmas palavras e ao mesmo tempo.

Depois de um tempo em silêncio, enquanto fazem alguma coisa ou não, começa o diálogo.

A e B: Sabe, gostaria tanto de dizer uma coisa nova.

A e B: Eu sei. Eu sei.

A e B: Uma coisa nova e original.

A e B: Ahh! Me sentiria tão bem com isso.

A e B: Seria como estar além de tudo.

A e B: Vou lhe confessar uma coisa. Dizendo uma coisa nova eu me sentiria mais jovem.

A e B: Me sentiria mais atual.

A e B: Isso é bom. Faz tempo que me sinto inatual.

A e B: É verdade. Quando vi você, eu pensei isso mesmo.

A e B: Mesmo?!

A e B: Inatual. Foi essa a palavra que veio a minha mente.

A e B: Eu percebi. Mas pensei que era só a situação, não eu.

(Pausa)

A e B: É mais grave do que pensávamos, bom ter falado.

A e B: O problema é que para dizer uma coisa nova, deveria ser uma coisa nova para os dois.

A e B: Nova e original para os dois.

A e B: Isso é foda.

A e B: Por quê?

A e B: Espere! Não responda. Já sei o que vai dizer: Porque você nunca concorda comigo.

A e B: Não era isso?

A e B: É isso: eu não concordo.

A e B: Assim não adianta...

A e B: De qualquer forma, não concordo.

A e B: Não?

A e B: Claro que não.

A e B: Claro nada. Simplesmente: não concordo.

A e B: Você sabe que sou eu quem não concorda com você.

A e B: Eu não concordo.

A e B: Eu!

A e B: Se você soubesse o que está dizendo... Mas você nem sabe o que diz.

A e B: Eu sei muito bem do que estou falando.

A e B: Não sabe nada.

A e B: Você não sabe nada.

A e B: Tem certeza?

A e B: Tenho.

A e B: E aí?

A e B: Não concordo com você e faço questão de não concordar com você.

A e B: Só por que sou eu ou por que realmente tem uma discordância sobre a questão de fundo?

A e B: Está perguntando isso sério?

A e B: Totalmente sério.

A e B: Você sabe muito bem que o que nos enfrenta é a questão de fundo.

A e B: Pelo menos a discordância não é comigo.

A e B: Verdade.

A e B: Nesse sentido está tudo bem.

A e B: Sim. Sim. Se não tocamos a questão de fundo, está tudo bem.

A e B: É. O problema é a questão de fundo.

A e B: O problema é que a questão de fundo é o mais importante.

A e B: Sem dúvida. Ela é importantíssima.

A e B: Definitivamente.

A e B: Quando você fala “definitivamente” o que quer dizer exatamente?

A e B: Por quê?

A e B: Porque talvez não seja o mesmo que eu quis dizer ou o mesmo que eu entendi quando você falou “definitivamente”.

A e B: Entendi.

(Pausa)

¹⁰ É melhor que sejam as duas do mesmo sexo, isso elimina a leitura do conflito como uma disputa entre gêneros. O texto está escrito como se as duas personagens fossem masculinas. Se fossem femininas haverá que adaptar as concordâncias nominais.

A e B: Mas seu definitivo é definitivo mesmo?

A e B: É.

A e B: Então não há nenhuma possibilidade de acordo?

A e B: Não! Não! Espere. Não responda. Não responda agora. Pense bem.

(Pausa)

A e B: Pensou?

A e B: Pensei muito.

A e B: Eu também.

A e B: Mas pensou bem?

A e B: Pensei.

A e B: E aí? O que pensou?

A e B: Isso não é novidade: não concordo.

A e B: Não concorda?!

A e B: Acho que não vou concordar nunca.

A e B: Você é insuportável.

A e B: Você é quase um fundamentalista.

A e B: Você é um maldito reacionário.

A e B: Você sempre fala as mesmas coisas.

A e B: Você repete sempre as mesmas ideias caducas.

A e B: Caduco é você.

A e B: Caduco eu? Pegou pesado.

A e B: Quem é que desde que chegou anda repetindo as coisas que digo e discordando o tempo todo comigo.

A e B: Você!

A e B: Isso não tem nada a ver com a palavra que você usou.

A e B: Qual palavra?

A e B: Caduco.

A e B: Usei essa palavra com um sentido pessoal que você nem imagina.

A e B: Você nunca concorda comigo. Isso me faz mal, sabe?

A e B: Você pensa que a mim me faz bem?

A e B: É isso. Você não discorda da questão de fundo. Você discorda comigo. Comigo. Só comigo.

A e B: Ahh! Se o problema fosse você, tudo seria muito mais fácil.

A e B: Como assim?

A e B: Pegaria uma arma. Apontaria para sua cabeça e pum! Acabou o problema.

(Pausa)

A e B: Viu? Você é o fundamentalista.

A e B: Você não aceita que eu tenha uma visão

crítica sobre o assunto.

A e B: Visão crítica! Que visão crítica é essa? Tudo o que você falou até agora não faz sentido nenhum. Você não pode pensar diferente porque você nem pensa.

A e B: Eu penso tanto quanto você.

A e B: Eu penso as palavras que digo, você só as repete.

A e B: Eu não só penso as palavras que digo, como ao dizê-las penso uma coisa completamente diferente do que você pensa.

A e B: Isso é verdade.

A e B: É.

A e B: Então pensamos diferente.

A e B: Completamente.

A e B: Não sei se completamente diferente, mas divergimos.

A e B: E como!!!

(Pausa)

A e B: Temos divergido muito ultimamente. Deveríamos descansar um pouco.

A e B: Isso.

A e B: Tentar alguma convergência.

A e B: Sim. As coisas não podem terminar assim.

A e B: Seria horrível que tudo terminasse assim, sem nenhuma novidade.

A e B: Não, não pode.

A e B: Temos que nos esforçar para chegar a algum tipo de acordo.

A e B: Olha! Um acordo, um acordo mínimo seria uma novidade entre nós.

A e B: Não falamos a mesma língua? Não estamos dizendo coisas parecidas? Então?

A e B: Sabe qual é o problema?

A e B: Parece que estamos dizendo a mesma coisa mas sempre estamos dizendo coisas diferentes.

A e B: Diferentíssimas.

A e B: Não tenho dúvida disso.

(Pausa)

A e B: Então?

A e B: Então o quê?

A e B: Vamos tentar?

A e B: Vamos!

A e B: Eu acho que temos que começar pelas palavras.



- A e B: Isso!! pelas palavras. Se há uma coisa que nos separa são as palavras.
- A e B: Mas as palavras são muitas.
- A e B: A lot of words for so many ideas...
- A e B: Você também fala inglês...
- A e B: I speak English fluently.
- A e B: English is the language of innovation.
- A e B: Sabe mesmo ou aprendeu as mesmas frases que eu?
- A e B: I say that I speak the language of innovation fluently.
- A e B: Não compliquemos as coisas com uma nova língua, já temos bastante problema com a velha.
- A e B: You are right.
- (Pausa)*
- A e B: Você tem razão.
- A e B: Tenho. Mas você também tem.
- A e B: Obrigado.
- A e B: Será possível?
- A e B: Tem que ser... O único inconveniente são as palavras.
- A e B: E as palavras são muitas...
- A e B: Olha! Bastaria escolher uma.
- A e B: Isso! Bastaria escolher uma palavra!
- A e B: Escolher uma... a mais importante.
- A e B: Isso mesmo.
- A e B: Então bastaria concordar com o sentido dessa palavra.
- A e B: Ter uma palavra com um mesmo sentido para os dois.
- A e B: Uma só com um único sentido. Seria magnífico. Que comunicação! Que comunidade!
- A e B: Se pudéssemos concordar primeiro com essa palavra e depois com o sentido dela teríamos a base de um acordo.
- A e B: Que boa base!
- A e B: Uma base firme.
- A e B: Essa palavra seria a ponta do iceberg de nosso grande acordo.
- A e B: Estaríamos os dois ao fim parados no mesmo iceberg.
- A e B: Adoro icebergs.
- A e B: Quando era criança sonhava com morar num iceberg.
- A e B: Então. Vamos lá. Uma palavra para os dois.
- A e B: Just do it. Desculpa.
- A e B: Não deveria ser difícil para nós, não é?
- A e B: Claro que não. Sempre dizemos o mesmo.
- A e B: É. Agora só temos que coincidir nessa palavra.
- A e B: E depois bastaria definir juntos essa palavra.
- A e B: Parece simples.
- A e B: Começemos! Já perdemos muito tempo com nossas desavenças.
- A e B: DE-SA-VEN-ÇAS. Linda palavra essa. Palavra antiga. Já não se fabricam palavras dessas...
- A e B: Deixa essa palavra em paz. Ela pode trazer mais discórdia.
- A e B: Busquemos nossa palavra.
- A e B: A palavra que será nosso princípio.
- A e B: A palavra que una nossos corações, que os faça bater de forma nova, original e forte.
- A e B: Concordo. Vamos bater. Vamos tentar.
- A e B: Tentar não, vamos conseguir!
- A e B: Vamos acabar com todas essas discórdias!
- A e B: Vamos acabar com todas nossas diferenças!
- A e B: Vamos terminar com toda essa merda.
- A e B: Vamos!
- (Abraço)*
- A e B: Força, é o trecho final.
- A e B: É quase o epílogo de nosso desencontro.
- A e B: Digamos essa palavra.
- A e B: Sem medo.
- A e B: Com confiança.
- A e B: A nossa palavra mais importante.
- A e B: A palavra de nosso acordo.
- A e B: A palavra que vamos definir juntos.
- A e B: Nosso princípio.
- A e B: Uma única palavra?
- A e B: Sim. Tem que ser uma. Uma única palavra.
- A e B: Para mim não há dúvida.
- A e B: Também não há para mim.
- A e B: Então vamos dizê-la.
- A e B: Você está seguro?
- A e B: Convencido.

A e B: Então vamos.

A e B: Nossa palavra é

(juntos) A: Igualdade! B: Amor!

A e B: Como?! O que falou? Você está maluco?

A e B: Eu estou certíssimo. Falei o que tinha que ser falado:

(juntos) A: Igualdade. B: Amor.

A e B: Uma coisa não tem nada a ver com a outra.

A e B: Nada!

A e B: Pense outra vez. Pense direitinho e diga a palavra certa. Nosso princípio certo.

A e B: Espere aí. Sem pressa. Pense em todas as consequências de sua resposta. Pense que na escolha dessa palavra pode estar o fim de nossas desavenças.

A e B: Estou ligado.

A e B: Então vamos.

(juntos) A: Igualdade! B: Amor!

A e B: Você não tem nenhuma flexibilidade. Poderia ter trocado de palavra. Mas não. Você nunca teve a menor intenção de concordar comigo. Você é uma pessoa negativa.

A e B: Não.

A e B: Sim.

A e B: Não sou não.

A e B: Olha, eu só quero deixar claro uma coisa.

A e B: Já sei. Já sei o que vai dizer.

A e B: Vou dizer o quê?

A e B: Vai dizer que não concorda comigo.

A e B: Isso mesmo.

A e B: Nesse ponto coincidimos.

A e B: Sempre coincidimos nesse ponto.

A e B: Só nesse. Mas isso não é novidade.

A e B: Então não vale a pena seguir falando com você.

A e B: Então ponto.

A e B: Ponto.

A e B: Pontos suspensivos.

A e B: Isso mesmo. Pontos suspensivos.

(Pausa.)

A e B: Mas, não concordo.

(Tapam os ouvidos.)

A e B: Não escuto nada, mas não concordo com você!

